

O DISCURSO DA DISSENSÃO E DA UNIÃO NAS CRUZADAS NO ORIENTE

DISSENTION AND UNION DISCOURSE IN THE EASTERN CRUSADES

João Vicente de Medeiros Publio Dias*
André Luiz Bertoli**

RESUMO: As Cruzadas são frequentemente vistas como um embate entre dois lados coesos, Cristandade e Islã, mas isso está longe da verdade. Ambos estavam divididos por questões políticas e religiosas. Portanto, ainda que as Cruzadas tenham criado um clamor de união nos dois lados, o encontro dessas duas civilizações na Palestina não apagou as dissensões internas e isso se exprimiu nos discursos. Assim, iremos analisar neste artigo o imaginário e os discursos criados a partir dessas diferenças nas Cruzadas Orientais, tanto entre cristãos e muçulmanos quanto entre os próprios cristãos.

Palavras-chave: Cruzadas. Dissensões. Cristianismo. Islã. Discursos

ABSTRACT: The Crusades are frequently seen as a shock between two cohesive sides, the Christendom and the Islam, but that vision is far from the truth. Both were divided by political and religious issues. Therefore, even if the Crusades had created a situation for a union in both sides, the encounter of those two civilizations in Palestine did not erase the internal dissensions and that appeared in the discourses. Thus, we will analyze in this article the imaginary and the discourses created from those differences in the Eastern Crusades, as between Christians and Muslims as among Christians themselves.

Keywords: Crusades. Dissensions. Christedom. Islam. Discourses.

Introdução

As Cruzadas foram um movimento de luta contra o inimigo da fé. Tanto a Cruzada (FRANCO JR, 1984, p.7) como a Jihad (MAALOUF, 1988, p.13) tinham o mesmo sentido, por mais que não tivessem os mesmos objetivos finais. Isso porque os cruzados cristãos tinham como um dos objetivos recuperarem a Terra Santa das mãos dos “infiéis”, enquanto os

* Mestre em História, Cultura e Poder pela Universidade Federal do Paraná. Email: joaov.dias@gmail.com

**Mestre em História, Cultura e Poder pela Universidade Federal do Paraná. Doutorando em História Medieval na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. E-mail: andrelbertoli@gmail.com

árabes islâmicos esperavam alcançar uma união entre seus diversos líderes e rechaçar os invasores ocidentais. Contudo, e ao contrário que o senso comum acredita, esse movimento histórico não foi simplesmente um embate entre dois lados hermeticamente unidos, Cristandade e Islã, sob lideranças únicas e inquestionáveis.

Os papas, ao conclamar os fiéis para irem lutar contra o infiel, foram os catalisadores desse movimento, por isso serem geralmente vistos como os “líderes” das forças cristãs. Na verdade, os papas estavam longe demais da Palestina para terem alguma liderança sobre aqueles exércitos. Eles eram, no máximo, líderes morais e espirituais do movimento, mas, mesmo sob esse aspecto, ele era questionado. Enquanto no lado muçulmano, há uma ideia criada pelos filmes e romances históricos que exércitos incontáveis estavam sempre prontos a expulsar os invasores cristãos da Palestina e tinham líderes iluminados e incontestáveis, como Saladino. Porém, ao retornarmos a História, fica muito claro que a situação estava muito longe disso, pois em quase todo o período das Cruzadas Orientais o mundo muçulmano estava profundamente fragmentado. A única liderança oficial existente era o Califado Abássida de Bagdá, que há mais de um século era dominado por generais e mantinham os califas como seus “protegidos”. Enquanto isso, sultões e emires se entrincheiravam em suas cidades, declarando-se seus senhores e agindo conforme seus interesses. Somente com Nuredin (1147-1174) e, posteriormente, Saladino (1181-1193) que os muçulmanos conseguiram organizar uma reação agregadora, mas, mesmo assim, a autoridade deles era frágil e, por isso, tinham que constantemente negociar com líderes locais.

No lado cristão, a situação era semelhante. A liderança papal estava sendo construída nos tempos das Cruzadas. A *Cristianitas* era mais um ideal do que uma realidade, assim, a autoridade estava na mão de reis e nobres, que, como iremos tratar mais a frente, disputavam entre si o poder de comando. As Cruzadas, como fruto desse universo, também foi um movimento de liderança fragmentada. Na primeira cruzada (1095-1099), a liderança da expedição “oficial” – termo utilizado, pois antes dessa expedição houve outra liderada por Pedro, o Eremita, que nem chegou à Palestina devido à total falta de organização e planejamento, sendo massacrada pelos turcos sedjulcidas na Anatólia - era compartilhada entre um grupo de nobres franceses que nunca se entenderam, pois cada um tinha sua agenda política e objetivos. Ao chegarem à Palestina, eles conseguiram derrotar as forças muçulmanas – que estavam ainda mais fragmentados do que eles –, mas essa vitória conquistada por uma força tão dividida que resultou na criação de quatro pequenos principados, posteriormente conhecidos como “Reinos Cruzados”.

Levando em consideração as divisões internas de cada um dos lados, iremos analisar neste artigo o imaginário e os discursos criados a partir des-

sas diferenças, tanto entre cristãos e muçulmanos quanto entre os próprios cristãos, nas Cruzadas Orientais. As fontes analisadas são, em grande parte, produções ocidentais escritas na sua maioria por clérigos, como Roberto o Monje, Guibert de Nogent, Foucher de Chartres, Guillermo de Tiro e Orderic Vital, e em períodos posteriores aos eventos que relatam, a exemplo de Ana Comneno que escreveu sua obra no ano de 1148, ou seja, anos depois da primeira cruzada ocorrida em 1095. Roberto o Monje escreveu sua obra sobre a convocação para a primeira cruzada depois de 1099. A abrangência espacial é vasta, sendo escritas e compreendendo localidades que vão da Normandia até Jerusalém, passando pela Europa central, atravessando os Bálcãs, a Ásia Menor, a Síria e a Palestina.

Contexto histórico das fontes

Quando Bizâncio pede ajuda a cristandade ocidental contra os ataques dos turcos seldjucidas a Anatólia, porta de entrada de Constantinopla, Urbano II faz seu discurso em apelo a Cruzada em 1095 no Concílio de Clermont. A bandeira ideológica que motivou tal movimento foi à reconquista da Terra Santa (Jerusalém) das mãos dos “infiéis”, discurso esse que perdurou por séculos. No entanto, esse movimento cruzadístico não se deu somente por uma questão religiosa, sendo também uma necessidade dos reinos europeus ocidentais para controlar as ambições, interesses e os conflitos internos da cristandade, em que nobres lutavam contra nobres, reis contra reis, cristãos contra cristãos, sendo um prejuízo para suas terras, seus reinos e sua crença. Isso porque a função dos *bellatores* (DUBY, 1982, p.16 & DUBY, 1993, p. 183-184) era a de guerrear e proteger suas posses, seus vassalos e servos. Desta forma, os poderes cristãos (reinos e Igreja) arranjaram nas Cruzadas um escape para a violência dos cavaleiros, canalizado-a contra os inimigos da cristandade em territórios sob a ameaça de forças islâmicas.

Com tudo isso, esse movimento, fruto de um anseio coletivo que motivou a deslocação de um grande grupo humano, não pode ser simplesmente encarado sob a ótica da questão política e do poder. Além dos reis, as Cruzadas também interessavam a grandes nobres e a simples cavaleiros, bem como aos homens sem títulos. Pois, além de interesses pessoais e a justificação de sua função como cavaleiro, também havia a mentalidade religiosa do período, que permitiu aos cruzados os excessos na guerra contra o muçulmano, já que para esses guerreiros era prometida a salvação e redenção frente a Deus (GULLEIMAN, 1980, p.154).

Segundo Mário Curtis Giordani (1984, p. 531), “as cruzadas se inserem evidentemente dentro de um vasto contexto histórico que inclui o Ocidente Medieval, o Oriente Bizantino, de modo muito especial, a expansão

muçulmana”. É nesse mesmo contexto que as fontes por nós encontradas e estudadas se inserem. Além do claro movimento de expansão que estava acontecendo em toda a Cristandade durante esse período, é relevante colocar que mudanças na economia e estruturação da sociedade também estavam ocorrendo. “As cruzadas foram outro sinal – juntamente com o renascimento do comércio e o crescimento das cidades – de uma vitalidade e uma autoconfiança cada vez maior na Europa ocidental” (PERRY, 1999, p. 176)

Nesse período as cidades estavam crescendo, dentre as quais se destacam Gênova e Veneza (GULLEIMAN, 1980, p. 143) e o comércio entre a Cristandade Ocidental e o Oriente começava a se fortalecer. O aumento demográfico que atingiu seu pico no século XIII está ligado ao crescimento das cidades e faz parte do contexto em que as fontes foram escritas. Outro aspecto é a formulação das teorias de fortalecimento do poder papal difundidas por Gregório VII em sua reforma (GULLEIMAN, 1980, p.149). Desta forma, a figura do Papa se torna mais influente por toda a Cristandade. Nesse momento, também é importante destacar o desenvolvimento da ideologia da “Paz de Deus”, que caminhou junto com o período final da feudalização dos reinos ocidentais. Essa ideologia não foi completamente eficaz, mas, de qualquer forma, teve profundas repercussões sobre os homens dessa época, tanto cultural e social quanto economicamente. Mas o mais importante é que a partir do ideal acima citado foi estabelecida uma moral coerente da guerra, não sendo permitido lutar a não ser dentro de limites específicos. Assim, como afirmou Duby, a “Paz de Deus” pretendeu afastar do mundo cristão as forças agressivas próprias da sociedade feudal, conduzindo-as contra os inimigos de Deus, “os infiéis”. A guerra contra os inimigos da Fé era permitida e ganhou o qualificativo de ser justa, tornando-se convidativa e justificando a prática guerreira fora da cristandade (DUBY, 1993, p. 179-180).

Podemos também inserir nesse contexto a ascensão e crise dos potentes cruzados. Resultante da primeira cruzada (1096-1099) foram formados quatro pequenos domínios: o condado de Edessa, o principado de Antioquia, o condado de Trípoli e o reino de Jerusalém. Esses potentes só sobreviveram graças a dois fatores: o prático, pois vários grupos (nobres e comerciantes) se aproveitaram com o estabelecimento destes domínios cristãos no Oriente; bem como o fator religioso, que continuou a levar homens a marcharem para a Terra Santa, reforçando-os militarmente (FRANCO JR, 1984, p. 105-106).

Um dos fatores que auxiliou grandemente a crise desses territórios cristãos em meio aos inimigos da Cristandade na Terra Santa foi o desentendimento com os bizantinos. Ao romperem com Bizâncio, os reinos cruzados tiveram dificuldades no fornecimento de armas, além de atravancar o desenvolvimento comercial. Conforme a citação abaixo:

Rivalidades locais e desentendimentos com os bizantinos deixavam isolados os Estados latinos do Oriente. Os reforços militares para proteger as conquistas deveriam ser fornecidos pelo Ocidente, mas as Cruzadas subseqüentes não lograriam êxito militar. Além de não trazerem à cristandade latina o esperado desenvolvimento comercial, essas expedições empobreceram os cavaleiros ocidentais e promoveram um fosso definitivo entre o Ocidente e Bizâncio. Dessa hostilidade resultou a 4^o Cruzada de que resultou a tomada de Constantinopla pelos cristãos ocidentais em 1204 (RIBEIRO, 1998, p. 63).

Ainda que as Cruzadas, em longo prazo, tenham se revelado trágicas para Bizâncio, Aleixo Comnenos conseguiu tirar bons resultados imediatos da presença das forças da Primeira Cruzada. Em primeiro lugar, Aleixo conseguiu que os principais líderes cruzados prometessem devolver toda cidade ou região que eles conquistassem dos turcos e que havia pertencido ao Império Bizantino antes da derrota em Manzikert, em 1071. Ainda que os cruzados tenham se negado a entregar Antioquia, a mais expressiva cidade tomada pelos turcos, por ser um grande centro urbano, sede patriarcal e entreposto comercial, a importante cidade de Nicéia retornou à autoridade bizantina.

Enquanto isso, Aleixo I organizou uma série de ofensivas contra os turcos para aproveitar o momento de fragilidade causada pela presença dos cruzados em seus territórios, sendo a mais importante a campanha liderada por João Doukas, cunhado do imperador, em 1098, numa ofensiva em mar e terra contra o Emirado estabelecido por Tzachas em Ismirna e região. A campanha de João Doukas foi um grande sucesso, ele venceu os turcos em uma série de batalhas campais e reconquistou as cidades de Ismirna, Éfeso, Sardes, Filadélfia e Poliboto (ANA COMNENO, 1969, l.13). Assim, a presença dos cruzados permitiu ao imperador Aleixo estabelecer um domínio bizantino sólido no sudoeste da Anatólia que serviu de base para uma reconquista anatólica ainda mais abrangente pelo filho e neto desse imperador. (ANA COMNENA, 1969, l.11, v-vi; TREADGOLD, 1997, p. 619-629; VRYONIS, 1979, p. 44; MAGDALINO, 1993, p. 123-132)

Além das hostilidades com Bizâncio, também houve o reagrupamento das forças islâmicas, que começaram a infligir várias derrotas aos reinos latinos do oriente. Com isso, foram necessárias expedições de socorro a esses territórios, como foi o caso da Segunda Cruzada, organizada depois da perda de Edessa em 1144. Mas o golpe mais forte nos cruzados cristãos estabelecidos no Oriente foi a perda de Jerusalém, tomada por Saladino em 1187, que desencadeou a terceira Cruzada. A Quarta Cruzada foi iniciada com a pregação de Inocêncio III em 1198, e deveria reforçar as conquistas da anterior, mas foi desviada pelos venezianos para Constantinopla Cristã, que foi conquistada e saqueada em 1203 e 1204. Os reinos cristãos ociden-

tais continuaram a enviar homens para o Oriente até a Oitava Cruzada, em 1270, organizada e movida pelo rei francês Luís IX, São Luís, que morreu em Tunes.

Nesses dois séculos, como afirma Hilário Franco Jr. (1984, p. 58), o quadro geral que impulsionou as Cruzadas já tinha se modificado, levando o movimento a perder seu sentido inicial e por isso ser desacreditado, como bem mostra o pouco entusiasmo dos cristãos pelas últimas Cruzadas. O ideal ainda permaneceu por um longo período, mas, sem o espírito e as motivações “corretas”, acabou não movimentando maiores contingentes de nobres e soldados para a Terra Santa.

As Cruzadas: aliança ou desunião entre cristãos?

As crônicas ocidentais nos passam visões bastante semelhantes do movimento das cruzadas, diferindo apenas em alguns pontos menores. Essas mudanças relacionam-se com aspectos como a formação do cronista, a época em que escreve e o local em que redige (MICHAUD, 1956, p. 348). Assim sendo, daremos atenção a dois aspectos dos trechos selecionados para a realização desse trabalho. O primeiro é a ideia de unidade e conflito entre os cristãos católicos e os cristãos bizantinos, inicialmente “aliados” que depois vieram a se enfrentar. O segundo é a imagem que Ana Comnena (1083-1153) teve de seus irmãos da fé ocidentais, como também a construção de uma representação dos muçulmanos feita pelos cronistas ocidentais. Ela era filha do imperador Aleixo I Comneno e consagrou uma longa crônica ao reinado de seu pai, na qual relata os feitos e desfeitos dos cruzados em Constantinopla no ano de 1095. Tentou associar seu marido ao trono em detrimento de seu irmão, João II, porém, não obteve êxito. Com seu fracasso retirou-se para um convento onde concluiu a *Alexiáda*, que é uma obra de grande valor histórico devido ao acesso que Comneno tinha aos arquivos imperiais.

Começando pela noção de unidade apresentada pelos autores, notamos que alguns deles ao narrarem à convocação de Urbano II e a reação dos ali presentes, tentam mostrar que o pedido do papa foi prontamente atendido por todos, demonstrando que o movimento das cruzadas foi uma mobilização continental. Parece-nos, pelos relatos, que todos os homens aptos a lutar deixaram imediatamente as suas casas e partiram rumo ao oriente, o que não condiz com a realidade. Isso é notado em um trecho da *Gesta Francorum*, onde é narrada a convocação do papa Urbano II.

[...] No passado vocês não lutaram em perdição? Não levantaram aço contra iguais? Orgulho, avareza e ganância não foram suas diretivas? Por isso vocês merecem a danação, o fogo e a morte perpétua. Nosso Senhor em sua infinita sabedoria e bondade

oferece aos seus bravos, porém desvirtuados filhos, a chance de redenção. A recompensa do sagrado martírio. Ó Francos, ouçam! Deixem a chama sagrada queimar em seus corações! Levem justiça em nome do Supremo! Francos! A Palestina é lugar de leite e mel fluindo, território precioso aos olhos de Deus. Um lugar a ser conquistado e mantido apenas pela fé. Pois chamamos por suas espadas! Lutem contra a amaldiçoada raça que avilta a terra sagrada, Jerusalém, fértil acima de todas as outras. [...] Marchem certos da expiação de seus pecados, na certeza da glória imortal. Deixem as hordas do Cristo Rei se atracar com o inimigo! [...] Que agora o exército do Deus único grite em glória sobre os Seus inimigos! Louvado seja o Senhor meu Deus! Gritaram as centenas de cavaleiros Francos reunidos no campo de Clermont (GESTA Francorum et aliorum Hierosolimitanum apud HISTOIRE Anonyme de la Première Crisade, 1964, p. 9)

Nesse trecho podemos notar que o discurso está incitando um movimento armado de cristãos contra os muçulmanos infiéis. Pode-se ler que o ato de morrer na guerra por uma justa causa, diferente do que faziam os cristãos até então por lutarem entre si, os redimiria de seus erros anteriores frente a Deus. Para isso, o autor prega a união entre os cristãos para conformar um exército de Deus, que marcharia e conquistaria a Palestina das vis mãos dos “infiéis”. E no fim do relato, o autor procura mostrar a aceitação desse ideal e desse movimento por todos ali presentes.

Roberto, o Monge, escreveu uma história da primeira cruzada. Destaca-se o trecho em que relata a convocação para a primeira cruzada, em 1095, e que foi realizada pelo papa Urbano II. Este monge estava presente em Clermont, mas só escreveu seus textos quando a cruzada já havia terminado, mas dessa forma relatou o evento: “[...] unió todos los presentes, de tal modo que gritaron todos: ¡Dios lo quiere! ¡Dios lo quiere!” (ROBERT LE MOINE, 1825, p. 301-306). Já Guibert de Nogent, natural de Clermont, escreveu sua “Gesta Dei per Francos” e exerceu o sacerdócio como padre em Notre-Dame de Nogent-Sous-Coucy (1104), relata “[...] dio la absolución, por el poder Del bienaventurado Pedro, a todos cuantos hicieron voto de partir [...]” (GUIBERT DE NOGENT, 1825, pp. 46-52), e Foulcher de Chartres, padre e cronista de Chartres ao longo de sua vida (1058-1127), também construiu um relato da Primeira Cruzada, escreveu que “[...] en esse mismo instante todos los auditores se sintieron animados por un santo fervor por aquella empresa, pensando todos que nada podría ser más glorioso”(FOULCHER DE CHARTRES, 1825, pp. 7-10). Essa visão de unidade é bem expressa por Orderic Vital, um “historiador” inglês do séc. XII (1075-1143), que exerceu o monacato na Normandia, onde se acredita tenha escrito a sua *Historie Ecclésiastique de Normandie*, que trata também da convocatória para a Primeira Cruzada, no seguinte trecho:

En tal circunstancia, así que el Papa Urbano hubo con elocuencia expuesto sus motivos de lamentación a los oídos de los cristianos, la gracia de Dios permitió que un increíble ardor de partir hacia países extraños inflamara a una innumerable cantidad de personas: les persuadió de vender sus bienes y de abandonar por Cristo todo cuanto poseían. Un admirable desseo de ir a Jerusalén, o de ayudar a quienes partían, animó igualmente a ricos y pobres, hombres y mujeres, monjes y clérigos, ciudadanos y campesinos (ORDERIC VITAL, 1826, p. 410-413).

Nesse trecho fica clara a intenção do autor, através da narrativa exagerada que faz tentar passar ao leitor a ideia de um movimento continental, accito por todos os “bons cristãos” que se empenhariam na realização de tão grande obra em nome de Deus. Nota-se também, na análise dessa fonte, a indistinção, segundo seu autor entre motivações de pobres e ricos, todos dispostos a desfazer-se de seus bens em sentido de emprender o chamado desejo de ir a Jerusalém. Além disso, eles descrevem uma pretensa união na qual não se distinguem classes, sexo ou funções sociais, o que não condizia com a realidade das Cruzadas.

As fontes também nos passam outras visões dos fatos, vistas pelos bizantinos, principalmente na *Alexiáda* de Ana Comneno. Sobre a mesma unidade descrita pelos cronistas supracitados ela escreve:

[...] oyó rumores acerca de la llegada de innumerables ejércitos francos. Como es natural, temía su aparición porque conocía su incontenible ímpetu, su inestable y voluble temperamento y todos los demás aspectos que posee de forma permanente el carácter de los celtas tanto en sus simples rasgos como las consecuencias del mismo; igualmente sabía cómo, paralizados por el brillo del dinero, siempre rompían los tratados sin reservas de ningún tipo y abiertamente, argumentando el primer motivo que les viniera en gana. [...] Todo el occidente, la raza de los bárbaros al completo, que habita las tierras comprendidas desde la otra orilla del Adriático hasta las columnas de Hércules, toda en una masa compacta, se movilizaba hacia Asia a través de toda Europa y marchaba haciendo la ruta con todos sus enseres (ANA COMNENA, 1969, p. 308-309, livro V, folis 5).

Vemos aqui que a numerosa horda de guerreiros que chegava a Constantinopla assustava pelo seu tamanho. Mas podemos observar também alguma alteração com relação ao discurso dos cronistas anteriormente citados, na medida em que esse grande contingente de cristãos acaba agora sendo qualificado como bárbaros.

Essa pretensa unidade não se estendia nem aos cruzados, sendo que cada um tinha interesses diversos, muito menos união e aliança entre os cruzados e os bizantinos, uma das propostas de Urbano II, já que os primeiros

deveriam auxiliar os irmãos da fé orientais contra os turcos que assolavam suas terras. Em um trecho da Alexíada podemos notar a desconfiança com que era vista a chegada e ação dos cruzados no oriente, já que imaginavam que eles ambicionavam o controle da região, e não a defesa e manutenção do poder dos bizantinos.

7. En conclusión, los latinos que como Bohemundo y sus secuaces ambicionaban desde hacía tiempo gobernar el imperio de los romanos y querían apropiárselo, como hemos dicho, hallaron una excusa en la proclama de Pedro para provocar tan inmensa movilización y engañar a las personas más puras; mientras, vendieron sus tierras con el pretexto de que partían contra los turcos para liberar el Santo Sepulcro (ANA COMNENA, 1969, p. 313, Livro X, folis vii).

Para além dessa imagem de união, também houve contestação ao movimento cruzadístico para o Oriente no próprio seio da Cristandade Ocidental. Destes podemos citar os escritos no *Annales Herbipolenses*, em que foi feita uma forte crítica aos pregadores das Cruzadas e os motivos individuais para os homens se moverem a seu favor, mas principalmente o fato de não se baterem somente contra os muçulmanos, inimigos da fé cristã, mas também se baterem contra os próprios cristãos.

[...] Surgiram então, na verdade, certos pseudoprofetis, filhos de Belial e testemunhas do Anticristo, que seduziram os cristãos com palavras vãs, compelindo toda a casta de homens, por uma vã pregação, a ir contra os Sarracenos, a fim e libertar Jerusalém. A pregação destes homens foi tão grandemente influenciadora que os habitantes de quase todas as regiões, por unanimidade de votos, se ofereceram espontaneamente para a comum destruição [...] uniram-se nesse mesmo erro, precipitando-se nele com grande perigo de corpos e almas [...] estes homens foram combater, não apenas os inimigos da Cruz de Cristo, mas mesmo os amigos do nome cristão [...] (ANNALES herbipolenses apud PEDRERO-SÁNCHEZ, 2000, p. 86).

A desconfiança bizantina em relação aos cruzados, bem com o fato dos últimos se baterem contra os próprios cristãos bizantinos, que supostamente os cruzados tencionavam auxiliar na luta contra os turcos, pode ser notado já na primeira cruzada. Antes dos cruzados jurarem fidelidade ao imperador Aleixo, eles foram vistos com maus olhos devido a sua atitude agressiva, ataques e saques a cidades bizantinas cristãs, justificando uns poucos e ineficientes ataques por forças imperiais contra eles, como notamos abaixo.

[...] Finalmente, el duque Godofredo, el primero de todos los señores, llegó a Constantinopla con un gran ejército, dos días antes de la Natividad de Nuestro Señor, y acampó fuera de la ciudad hasta que el inicuo emperador (*iniquus imperator*) hubo dado la orden de alojarlo en un barrio [Gálata] de la ciudad. Habiendo tomado así sus cuarteles, el duque enviaba cada día a sus guerreros con toda seguridad, para que consiguieran paja y todo lo que era necesario a los caballos. Y creían que podían ir con toda confianza a donde quisieran, pero el inicuo emperador Alexis (*iniquus imperator Alexius*) ordenó a los Turcoplas y a los Petchenegues atacarlos y matarlos. Con esta noticia, Balduino, hermano del duque, les preparó una emboscada, los sorprendió cuando iban a masacar a su pueblo, los atacó valientemente y, con la ayuda de Dios, los venció. Capturó a sesenta, de los cuales mató a una pequeña parte, y el resto se los presentó al duque, su hermano.

(I,4) [Bohemundo de Tarento, en Adrianópolis, instruye a su gente:] Entonces Bohemundo tomó consejo con su ejército, estimulando a los suyos, exhortándolos a la bondad, a la humildad y a abstenerse de devastar esa tierra que pertenecía a cristianos y a no tomar nada aparte de lo que era necesario para su alimentación.

[...] [Después de cruzar el Vardar, 18/2/1097:] Encontraron Turcoplas y Petchenegues, que combatieron contra los nuestros, los atacaron súbitamente con valentía y los vencieron, después tomaron a un cierto número y los llevaron atados en presencia del señor Bohemundo, que les dijo: “¿Por qué, malvados, masacráis al pueblo de Cristo (*gentem Christi*), que es también el mío? No tengo por ello ninguna disputa con vuestro emperador”. A lo que ellos respondieron: “No podíamos obrar de otra manera: estamos atados por la paga del emperador (*in roga imperatoris locati sumus*), y todo lo que nos ordena debemos cumplirlo”. Bohemundo les permitió retirarse sin sufrir castigo (GESTA Francorum..., apud MARÍN RIVEROS, 2003, p. 149-150)

O medo e a desconfiança dos bizantinos em relação aos cruzados se concretizaram em 1204. Neste ano, durante a quarta cruzada, os venezianos e os cruzados acabam conquistando Constantinopla, fato narrado tanto por ocidentais como por orientais, cada qual a partir de sua perspectiva.

[...] Este dux dirigió la gran guerra contra la ciudad, y todos se sometieron a él, ya que fueron sus naves las que se apoderaron de ella. Los francos atacaron a Constantinopla desde diciembre hasta abril, mes en que la ciudad fue conquistada. El 9 de mayo los notables eligieron al conde de Flandes emperador latino [...]. Así feneció el imperio de la ciudad de Constantino, custodiado por Dios; la tierra de los griegos dejó de estar entre los reinos y los francos se apoderaron de ella (LA cuarta cruzada según el cronista novgorodense, 1950, p. 136-141).

Enquanto nesse trecho da Crônica de Novgorod não notamos largas críticas nem comentários sobre a extremada violência dos cruzados, nas obras de cronistas orientais podemos notar o desespero dos bizantinos, que apelaram a alianças com os muçulmanos para tentar rechaçar o ataque dos cruzados cristãos. Aliança que não foi firmada naquele momento e que resultou na conquista e saque de Constantinopla pelos cruzados como visto abaixo.

[...] O rei dos rum (Bizantinos) fugiu sem ter combatido', conta Ibn al-Athir, 'e os franj (Cruzados) instalaram seu jovem candidato no trono. Mas do poder ele tinha apenas vestígio, pois todas as decisões eram tomadas pelos franj. Estes impuseram ao povo pesadíssimos tributos, e quando o pagamento foi dado como impossível eles tomaram todo o ouro e as jóias, mesmo o que estavam nas cruzes e nas imagens do Messias, a paz esteja com ele! Os rum então se revoltaram matando o jovem monarca, depois, expulsando os franj da cidade, barricaram as portas. Como suas forças eram reduzidas, despacharam um mensageiro a Sulciman, filho de Kilij Arslan, mestre de Ronya, para que viesse em seu auxílio. Mas ele foi incapaz disso. Todos os rum foram mortos ou despojados', relata o historiador de Mossul. 'Alguns de seus notáveis tentaram refugiar-se na grande igreja que chamavam de Sofia, perseguidos pelos franj. Um grupo de padres e de monges saiu então, carregando cruzes e evangelhos, para suplicar aos atacantes que lhes preservassem a vida, mas os franj não deram nenhuma atenção às suas preces. Massacraram-nos a todos, depois saquearam a igreja (IBN AL-ATHIR apud MAALOUF, 1988, p. 207).

Outro ponto de dissensão, não entre os personagens, mas entre os testemunhos ocidentais e bizantinos é a questão da carta enviada ao papa Urbano II por Aleixo Comneno. A Primeira Cruzada é descrita como uma reação a certa carta que Aleixo I teria enviado ao papa Urbano II (1042-1099) pedindo ajuda ocidental contra os turcos, mas há um grande debate entre os que estudam as Cruzadas sob a ótica bizantina e os que estudam as Cruzadas sob a ótica dos cruzados, no qual é questionada ou legitimada a existência dessa carta de Aleixo I para Urbano II.

Os primeiros afirmam que dificilmente ela teria existido, mas se existiu, ao mandar essa missiva ao papa, Aleixo Comneno tinha em mente o envio de um contingente de mercenários, por isso não a relacionou com a chegada do massivo exército cruzado. A prova desse argumento é suposta surpresa que Ana Comnena (1969) afirma que seu pai e todos os bizantinos tiveram ao acordarem com essa enorme e inconveniente multidão entrando em suas fronteiras. Paul Magdalino (1996) indaga que talvez essa "surpresa" foi criada por Ana Comnena (1969) para suprimir da História o embaraçoso fato de que Aleixo I Comneno sabia que ele foi, em parte, responsável pela mobilização daquele movimento que causou tantos problemas para ele

e seus sucessores. Lembremos que Ana Comnena (1969) escreveu a *Alexiada* com uma clara agenda política pró-Aleixo e anti-João II e numa data muito próxima, senão durante, a Segunda Cruzada (1147-1149), que trouxe ao seu sobrinho Manuel II Comneno o mesmo tipo de inconvenientes que seu pai enfrentou (MAGDALINO, 1996).

Outra visão, presente em algumas das fontes, é a imagem criada pelos cristãos dos muçulmanos, turcos e sarracenos, os inimigos da “verdadeira fé”, povos que foram apresentados com grande adjetivação negativa. Esse tipo de prática é comum e possui uma explicação até certo ponto simples, pois era preciso mostrar os inimigos como pessoas cruéis e sem coração, inimigos da cristandade, entre outras caracterizações. Roberto escreveu: “[...] pueblos Del reino de los persas, nación maldita, nación completamente extraña a Dios [...] há invadido em esos lugares las tierras de los cristianos, devastandolas por el hierro, el pillaje, el fuego [...] qué puedo decir de la abominable profanación de las mujeres?” (ROBERT LE MOINE, 1825, p. 301-306)

E Foucher de Chartres escreveu:

Los turcos y los árabes [...] extendiendo cada vez más sus conquistas sobre tierras de cristianos, a quienes en siete oportunidades han vencido ya en batalla, capturando o matando a un gran número, han trastornado completamente las iglesias, y saqueado todo el país sometido a la dominación cristiana. Si soportáis que cometan durante todavía más tiempo e impunemente parecidos excesos, llevarán sus ataques más lejos, masacrando una multitud de fieles servidores de Dios (FOULCHER DE CHARTRES, 1825, p. 7-10).

Essa visão exagerada e maliciosa tem objetivos claros. É preciso mostrar que o inimigo não obedece a Deus e assim sendo, não merece tolerância. Esse tipo de imagem criada sobre os muçulmanos também vem dar respaldo às ações militares dos cruzados. Por mais violentas e intolerantes que tenham sido as conquistas cristãs, a partir dessas caracterizações os muçulmanos eram ainda mais intolerantes e violentos, sendo os bárbaros e os cristãos os detentores da civilização.

Tomando como base a visão que os ocidentais tinham sobre os orientais, tentaremos fazer agora o inverso. Pelo fato das fontes aqui estudadas serem em sua maioria sob o enfoque ocidental, faremos uma breve análise das fontes e da visão dos orientais sobre os ocidentais (FRANCO, 1981, p. 44).

Ana Comneno descreve em seu texto a posição dos turcos frente aos ocidentais:

cuando oyó rumores acerca de la llegada de innumerables ejércitos francos. Como es natural, temía su aparición porque conocía su incontenible ímpetu, su inestable y volube temperamento y

todos los demás aspectos que posee [...], igualmente sabia como, paralizados por el brillo del dinero (ANA COMNENO, 1969, X, V, 1-10; X, VI, 1-7; X, VIII, 7-8; X, X, 6; XIV, 5-7).

A cronista apresenta os cruzados como uma horda de bárbaros, desorganizados, uma massa de pessoas sem destino certo, corruptíveis a qualquer demonstração de vantagens financeiras.

Interessante notar também que em parte de seu texto ela narra a derrota do primeiro contingente de cruzados perto de Niceia, liderados por Pedro, o Eremita, como nos foi demonstrado também na História Anônima da Primeira Cruzada. Daqui retiramos mais uma opinião, agora dos habitantes de Niceia.

Los diez mil normandos que lo seguían se separaron del resto de la expedición y se dedicaron a devastar los alrededores de Nicea, dando muestras de extrema crueldad con todo el mundo. [...] Sus habitantes, al percatarse de lo que estaba pasando, abrieron las portas e hicieron una salida en contra de ellos (ANNALES HERBIPOLENSES apud PEDRERO-SÁNCHEZ, 2000, p. 86).

Também há a narração de Niketas Choniates, que, por não ser um cronista ocidental, apresenta elementos relevantes para essa análise. Choniates narra em sua crônica alguns acontecimentos de 1204 (FRANCO, 1981, p. 52),¹ quando Constantinopla caiu nas mãos dos venezianos e cruzados. A posição deste autor acerca dos ocidentais está a seguir: “oponerse a ellos, sobre todo a los franceses, que no eran como los demás en temperamento o fuerza física y se jactaban de mostrar sólo temor al cielo” (NIKETAS CHONIATES apud MAGOULIAS, 1984, p. 323-25) Sobre o saque de Constantinopla, também descrito por Geoffroi de Villehardouin,² temos a posição ocidental: “Cada uno llenó con sus gentes el castillo que le fue entregado e hizo custodiar el tesoro; y las otras gentes que estaban dispersas por las ciudades hicieron también gran botín ” (VILLEHARDOUIN, 1973, p.53).

As fontes nos remetem a cada autor e ao seu contexto. Mas é possível, por fim, retirar das fontes uma visão muito clara do que foram as cruzadas e de como o oriente reagiu a estas. Pela concepção dos autores ocidentais

¹ Relevante destacar que em julho de 1203 Constantinopla foi atacada por mar pelos venezianos e por terra pelos francos. Nesse conflito, Constantinopla sofreu danos em seu patrimônio além de inúmeras perdas de seus habitantes.

² Dentre os cronistas das Cruzadas aqui abordados, o único que participou de uma Cruzada como guerreiro foi Geoffroi de Villehardouin. Este militar francês escreveu uma importante obra descrevendo a tomada de Constantinopla pelos cruzados em 1204. Foi um dos líderes da quarta Cruzada e participou da criação do império latino de Constantinopla. De família nobre, recebeu o título de marechal da Romênia. Seu sobrinho, Geoffroi I de Villehardouin, fundou uma dinastia no Peloponeso.

podemos dizer que a cruzada era um movimento embasado numa ideia.³ Quanto à visão oriental dessas mesmas cruzadas, pode-se dizer que não acciaram tais movimentos de maneira tão omissa como costuma se imaginar.

A argumentação apresentada nas fontes é vastíssima, quase sempre remetendo a valores do Cristianismo. O primeiro e primordial argumento apresentado foi a promessa de remissão dos pecados, que se apresenta de forma justificatória para que todos deixem seus lares e partam a combater na Palestina. Orderic Vital nos passa uma visão do que seria essa remissão de pecados. Em seu trabalho, o combatente já é absolvido pelo próprio papa no momento em que decide ir à terra santa combater os ímpios: “a todos aquellos que convenientemente podían llevar las armas, y dio, en virtud de la autoridad divina, la absolución de todos los pecados a todos los penitentes, a partir del momento en que tomaran la Cruz del Señor” (ORDERIC VITAL, 1826, p. 410-413).

Notamos que esse argumento está ligado a duas concepções medievas. Uma delas é a ideia da obediência e submissão das pessoas à Igreja. Essa ideia não quer dizer que todos eram submissos à Igreja e que faziam tudo o que o papa mandava durante toda a idade média, mas que nesse contexto, o papa tornava-se uma figura de prestígio, graças às construções teóricas que vinham sendo realizadas pela igreja durante os últimos séculos (VIII, IX, X), e tal prestígio se estendia a todo o clero. A segunda concepção presente é a implantada por Gregório VII em sua reforma, baseado na ideia de uma Igreja centralizada sob o comando papal, único herdeiro de Pedro e com autoridade máxima em assuntos espirituais e, conseqüentemente, o único capaz de perdoar totalmente os pecados das pessoas.

Outro aspecto interessante sobre a argumentação é o seu forte embasamento bíblico, que nos é apresentado principalmente nas fontes ocidentais. Os autores se apresentam como profundos conhecedores da Bíblia, utilizando seus conhecimentos para amparar o ideal de guerra santa através de uma argumentação ricamente construída a partir das passagens bíblicas. Roberto, o Monge, cita passagens do evangelho de S. Mateus (ROBERT LE MOINE, 1825, p.301-306) para justificar a saída das pessoas de casa e a tomada do empreendimento da guerra santa. Guibert de Nogent também se utiliza de trechos bíblicos (GUIBERT DE NOGENT, 1825, pp. 46-52)⁴ para formular sua argumentação sobre a santidade de Jerusalém e do santo sepulcro e, por conseguinte, respaldar a necessidade da libertação desses locais do domínio muçulmano.

³ A ideia de cruzada estava ligada diretamente ao poder papal, não havendo apenas um discurso, mas sim vários discursos que englobam questões como, por exemplo, a “fé”.

⁴ “Muchos cuerpos de santos que estaban muertos han resucitado; y, habiendo dejado sus sepulcros, después de su resurrección, entraron en la ciudad santa, y fueron vistos por muchas personas” (Mt 27,52-53); y si el profeta Isaías ya había dicho: “Su sepulcro será glorioso” (Is 11,10).

É preciso ter em mente que as fontes possuem um caráter absolutamente autoral, não se desvincilhando de seus autores e contextos. Ou seja, não relatam imparcialmente nenhum fato. Com isso percebemos que nem todas as argumentações são totalmente verossímeis, sendo necessário um cruzamento das diversas informações e uma reflexão sobre seu contexto e autores. Ora, não existe um compromisso, ou, se não um compromisso, uma fiscalização e nem uma concepção de História como a compreendemos hoje, para que o passado tenha sido “verdadeiramente” relatado. No caso apresentado, o único compromisso existente era aquele com sua fé, ou sua posição em relação aos movimentos cruzadísticos. Assim, os autores das fontes argumentaram e, certamente, relataram as cruzadas de acordo com suas opiniões.

Conclusão

Como pudemos observar ao longo da construção teórica de todo este trabalho e da análise das fontes propriamente ditas, o tema “Cruzadas” ainda é cercado de muita imprecisão, na medida em que a maioria dos relatos é carregada, conforme já mencionado, por uma ideologia da qual o autor dificilmente consegue se desvincilhar.

Nesse sentido, abordar as fontes e aceitá-las de maneira crua, sem tentar realizar uma análise sobre as mesmas, torna o caminho complicado e, muitas vezes, obscurece o que de fato aconteceu durante o período das Cruzadas. Tanto nas questões ideológicas relatadas pelas fontes analisadas, que assumem uma total adesão quando das convocações para as Cruzadas, assim como nas questões de ordem mais técnica, verificadas na bibliografia, que tem dificuldade em definir o contingente real dos cruzados, assumindo que os números geralmente tratados nas fontes são irrealis, o assunto é cercado de imprecisões.

Logo, o que pudemos apreender do trabalho foi que as fontes, embora representem aspectos da verdade, acabam por não representar de maneira completa e fidedigna o que realmente se passou no período, na medida em que fica claro que estas eram utilizadas no sentido de emulação e convencimento, facilitando a adesão do maior número de pessoas ao ideal cruzadístico. Não queremos afirmar com isso que todos os autores das fontes agiam no sentido de ludibriarem as pessoas em prol de uma maior aceitação dos ideais da Igreja. Logicamente, como já mencionamos ao longo do texto, sabemos das implicações de uma construção teórica lenta e gradativa, que se estendeu por quase três séculos realizada pela Igreja, que pode assim se fixar no imaginário e se tornar uma grande fonte de poder e aceitação no período.

Assim, mesmo quando as fontes parecem carregadas de malícia e desonestidade narrativa, cabe a pergunta: até que ponto o autor realmente

acreditava no que escrevia e até que ponto ele realmente sabia da imprecisão do que relatava e do caráter de convencimento inerente a essas imprecisões? Dessa forma, como o ideal da Igreja era o de empreender as Cruzadas no sentido de unificação dos cristãos sob um ideal comum, a maioria das fontes vai nesse sentido e operam para a concretização desses objetivos. Para isso, os autores cristãos desqualificaram o inimigo, sendo aqueles os inimigos de Cristo, infiéis e outros qualificativos negativos já mencionados. Em contrapartida, embora as fontes orientais analisadas sejam escassas neste trabalho, elas apontam no mesmo sentido de desqualificação do inimigo, sendo os franjs (cruzados) representados como bárbaros atrasados e considerados pior do que cães.

Assim, pelo que pudemos coligir das fontes, fica patente a imprecisão em relação à união e às dissensões entre os cruzados, na medida em que se torna difícil saber até que ponto elas são fiéis aos fatos. O que pudemos observar é que esta união se mantinha até o ponto em que era conveniente aos participantes das Cruzadas, mas no ritmo em que os interesses divergiam estas uniões já eram transformadas em dissensões, inclusive entre os próprios cruzados. Isso demonstra como as cruzadas não eram somente voltadas para o lado ideológico, mas os líderes do movimento também levaram em conta questões de ordem prática, como a busca por riquezas e por mais poder.

Referências

Fontes

ANA COMNENO. **La Alexiada**. X, V, 1-10; X, VI, 1-7; X, VIII, 7-8; X, X, 6; XIV, 5-7, Trad. de E. Díaz Rolando, Editorial Universidad de Sevilla, 1989, Sevilla, p. 404-409, 409-412, 416-417, 426, 563-565, respectivamente.

ESPINOSA, Fernanda. **Antologia de textos históricos medievais**. Lisboa: Sá de Costa Editora, p. 294-299.

FERNÁNDEZ, Emilio Mitre. **Textos y documentos de época Medieval (análisis y comentario)**. Barcelona: Editorial Ariel, S. A., p. 104-113.

FOULCHER DE CHARTRES. **Histoire des Croisades**. Chap. 1. Ed. Guizot, 1825, Paris, p. 7-10.

GESTA Francorum. In.: <http://br.geocities.com/espadaacruz/> 01 de outubro de 2006.

GUIBERT DE NOGENT. **Histoire des Croisades**. II. Éd. Guizot, 1825, Paris, pp. 46-52.

HISTOIRE Anonyme de la Première Crisade (Gesta Francorum et aliorum Hierosolimitanum, c. 1099), Editée et Traduite par L. Bréhier, « Les Classiques de l'Histoire de France au Moyen Age », Les Belles Lettres, 1964, Paris (Versión bilingüe latín-francés), p. 3-205. Trad. del francés por José Marín R.

LA Cuarta Cruzada según el cronista Novgorodense. In: **Anales de Historia Antigua y Medieval**. 1950, Buenos Aires, p. 136-141.

MAGOULIAS, Harry (tr.). **City of Byzantium, The Annals of Nike-tas Choniates**. Detroit, Wayne State University Press, 1984, p. 323-25, In: *Miscelánea Medieval, Selección y Edición de J. Herrin, Grijalbo, 2000 (1999), Barcelona, p. 196-197.*

ORDERIC VITAL. **Histoire de Normandie**. Libro IX, Ed. Guizot, 1826, Paris, vol. III, p. 410-413.

PEDRERO-SÁNCHEZ, María Guadalupe. **História da Idade Média – textos e testemunhas**. Unesp Editora, p.83-91.

ROBERT LE MOINE. **Histoire de la Première Croisade**. Ed. Guizot, 1825, Paris, p. 301-306.

VILLEHARDOUIN. **La Conquête de Constantinople 1250**. Ed. de E. Faral, Les Belles Lettres, 5^{mc} Tirage, Les Belles Lettres, 1973, Paris, vol. 2, p. 53.

Referências

DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do Feudalismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

DUBY, Georges. **Guerreiros e Camponeses – os primórdios do crescimento econômico europeu**. Lisboa: Editorial Estampa. 1993

FRANCO JR., Hilário. **As Cruzadas**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GIORDANI, Mário Curtis. **História do mundo feudal**. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1984.

GULLEIMAN, B. **O despertar da Europa – de 1000 a 1250**. Lisboa: D. Quixote, 1980.

MAALOUF, Amin. **As Cruzadas Vistas pelos Árabes**. Editora Brasilense, 1988.

MAGDALINO, Paul. **The Empire of Manuel Komnenos: 1143-1180**. Cambridge University Press, Cambridge, 1993.

MAGDALINO, Paul. "The Byzantine Background to the First Crusade". **Canadian Institute of Balkan Studies**, 1996.

MICHAUD, Joseph-François. **História das cruzadas**. Trad. Pe. Vicente Pedroso, vol. 7, Editora das Américas, São Paulo, SP, 1956.

PERRY, Marvin. **Civilização ocidental**. Uma história concisa. Trad. Silvana Vicira, Ed. Martins Fontes, São Paulo, SP, 1999.

RIBEIRO, Daniel Valle. **A cristandade do Ocidente Medieval**. Ed. Atual, São Paulo, SP, 1998.

TREADGOLD, Warren. **A History of the Byzantine State and Society**. Stanford University Press, Stanford, California, 1997.

VRYONIS, Speros. "Nomadization and Islamization in Asia Minor". **Dumbarton Oaks Papers**, vol. 29 Dumbarton Oaks, Harvard, 1979.

Artigo recebido em 31/08/2010 e aceito para publicação em 28/11/2010